

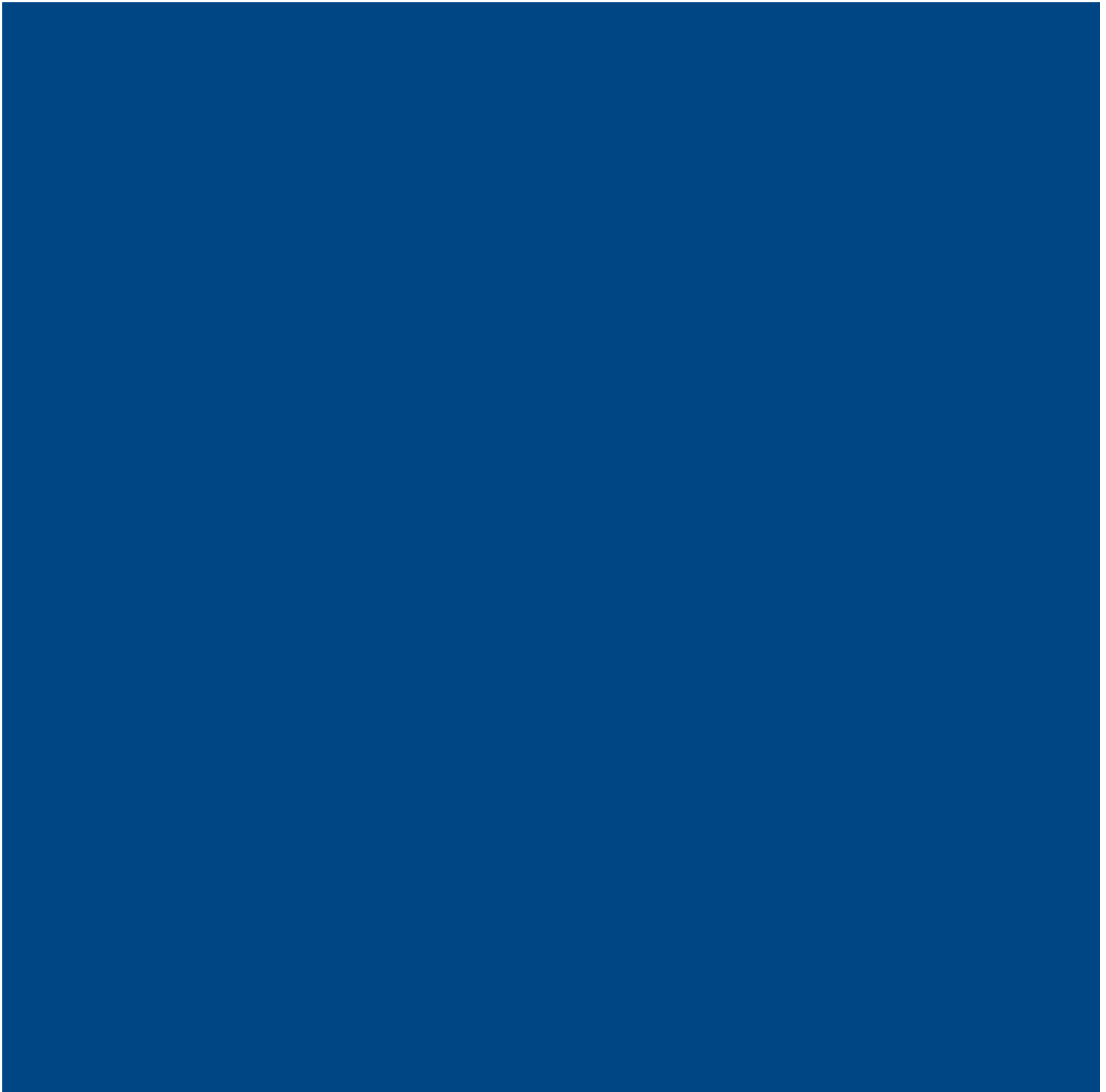


Master



INSTITUTO EDUCACIONAL

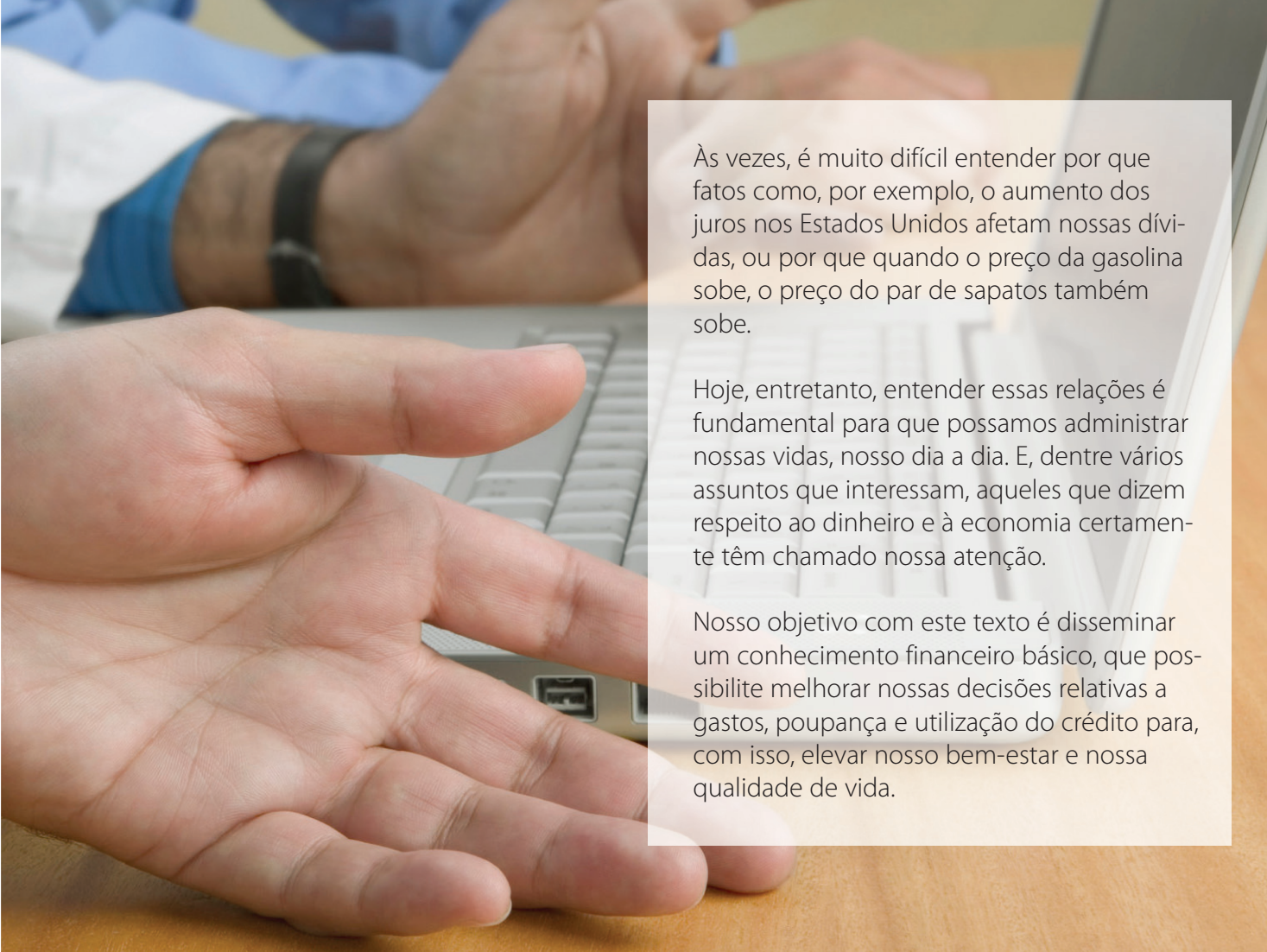




Índice

Introdução	4
A importância da educação financeira	5
O que precisamos saber	6
A moeda.....	6
Como a moeda é usada na economia	7
O que é risco?.....	10
Noções sobre o Sistema Financeiro Nacional.....	11
Os juros	12
O que é a inflação?.....	12
Planejamento financeiro.....	13
Administrando o seu dinheiro	13
A sociedade de consumo	14
As armadilhas.....	15
Orçamento pessoal e familiar.....	16
Como fazer para que sobre dinheiro.....	18
O que fazer com o dinheiro que sobra.....	18
Aposentadoria.....	19
Planejando a educação dos filhos.....	20
Investindo no mercado financeiro.....	21
O investidor.....	22
Os vários tipos de poupança	24
Planejar o futuro.....	24
No que posso investir?.....	26
Comprando um imóvel.....	27
Aplicando em títulos de renda fixa.....	28
A importância do mercado de ações para a economia.....	29
Você pode ser um dos novos sócios dessas empresas	29
Investindo em ações	30
Como investir em ações	31
Passo a passo	33
Bibliografia.....	35

Introdução



Às vezes, é muito difícil entender por que fatos como, por exemplo, o aumento dos juros nos Estados Unidos afetam nossas dívidas, ou por que quando o preço da gasolina sobe, o preço do par de sapatos também sobe.

Hoje, entretanto, entender essas relações é fundamental para que possamos administrar nossas vidas, nosso dia a dia. E, dentre vários assuntos que interessam, aqueles que dizem respeito ao dinheiro e à economia certamente têm chamado nossa atenção.

Nosso objetivo com este texto é disseminar um conhecimento financeiro básico, que possibilite melhorar nossas decisões relativas a gastos, poupança e utilização do crédito para, com isso, elevar nosso bem-estar e nossa qualidade de vida.

A importância da educação financeira



Todos fomos educados para conviver com outras pessoas em sociedade, no lar ou no ambiente de trabalho. Todos recebemos, em maior ou menor grau, uma educação formal na escola, que muito nos ajuda a compreender o mundo de hoje. Todos nós, enfim, possuímos uma formação cultural e profissional, mas que nem sempre engloba a educação financeira.

No entanto, a discussão sobre a importância do dinheiro e de sua boa administração é fundamental para que possamos melhor planejar nossas vidas. Muitas vezes, podemos enfrentar dificuldades por não

ter tido informações que nos auxiliassem a conviver melhor com os problemas do consumo e da poupança, em especial, se dependemos do salário para viver.

A autogestão financeira é importante para que vivamos com menos preocupações geradas pela falta de reservas financeiras; para que tenhamos maior autonomia em nossas decisões; para que possamos planejar o nosso futuro e o de nossos filhos; para termos prazer em consumir produtos e serviços, em adquirir bens de que necessitamos. Ou seja, a autogestão financeira é importante para que possamos manter nossa vida em equilíbrio.

O que precisamos saber

Para que possamos melhor administrar nosso dinheiro, devemos observar alguns aspectos relacionados à economia, principalmente. Vamos abordar, então, alguns temas essenciais à compreensão das finanças pessoais.

A moeda

Moeda é qualquer mercadoria ou produto que funcione como meio de troca, padrão de valor ou reserva de valor e que é aceito por todos para pagamento de dívidas ou de transações.

Ao longo da história, diversas mercadorias já foram utilizadas como “moeda”. O trigo, a aveia, o centeio, os tecidos, o gado, o mel e até mesmo peixe seco já serviram como instrumentos de troca. Mas essas mercadorias acabaram perdendo seu lugar como “moeda” por diversas razões: algumas se deterioravam pela ação do tempo, outras não podiam ser divididas, e outras, ainda, eram difíceis de ser manuseadas.

Todas essas dificuldades para se encontrar um produto que pudesse servir como “moeda”, e que fosse de aceitação geral, fizeram com que o homem buscasse nos metais as mercadorias mais próximas do ideal de “moeda”. Os metais, de maneira geral, não se deterioram, são fáceis de manusear e podem ser divididos.

A palavra "banco" vem do alemão *bank*, que era um banco de madeira usado pelas pessoas que trocavam ou emprestavam dinheiro. A partir da Idade Média, as casas que realizavam atividades similares herdaram o nome.

Desde a primeira moeda cunhada até o aparecimento dos cartões de crédito e débito, a moeda evoluiu, os bancos foram criados e hoje falamos em moeda virtual e eletrônica.

Como a **moeda** é **usada** na economia

A moeda é um facilitador das trocas que ocorrem numa economia e é indispensável em qualquer sociedade, já que os bens e serviços produzidos são numerosos.

Na verdade, essa é a primeira função da moeda: servir de **intermediária de trocas**. Numa economia moderna, em que a divisão do trabalho torna as pessoas interdependentes, a circulação das mercadorias produzidas é promovida pela moeda, que tem aceitação dentre os diversos agentes econômicos e reduz o tempo necessário para que se efetive a comercialização dos produtos e serviços.

Como todos os bens e serviços produzidos têm seu valor expresso em unidades monetárias, a existência da moeda torna possível o surgimento de um sistema de preços. Em outras palavras, a segunda função da moeda é servir de **unidade de valor**.

Ao reduzir o valor de todos os bens e serviços produzidos numa economia a um denominador comum, a existência da moeda propicia o aparecimento de um sistema de preços, possibilitando que seja medida a capacidade de produção de uma economia. Por outro lado, ao escolher entre comprar algum bem ou serviço (consumir) ou guardar a moeda para uso posterior (poupar), fica evidenciada outra função da moeda: **reserva de valor**. Isto é, podemos deixar de consumir algum produto ou serviço hoje para consumi-lo depois, já que a moeda serve de reserva de valor.

Resumindo, podemos dizer que as funções da moeda são: **intermediar trocas**, servir de **unidade de valor** e de **reserva de valor**.

Como já mencionado, a evolução da sociedade fez com que o homem organizasse um sistema de trocas e, ao mesmo tempo – devido às diversas habilidades e

capacitações das pessoas –, permitiu que o trabalho se dividisse e se especializasse.

Devemos lembrar ainda que o homem é o dono de todos os **fatores de produção**. Isto é, o homem é o dono do **capital**, do **trabalho**, da **tecnologia**, dos **excedentes financeiros** etc.

O trabalho, o capital e a tecnologia são utilizados para produzir bens e serviços que serão vendidos. Os recursos financeiros arrecadados na venda são reempregados e o processo será repetido indefinidamente, fazendo com que seja criada uma interação entre as diversas pessoas e empresas que compõem o **sistema econômico**.

Dessa interação, num primeiro momento, surge um fluxo denominado pelos economistas como **fluxo real**: as famílias (reunião de pessoas, donas dos fatores de produção) fornecem seus recursos às empresas e as empresas produzem e fornecem às famílias os bens e serviços de que necessitam.

Com o auxílio da moeda, as empresas pagam as famílias pelo uso dos recursos utilizados e, por sua vez, as famílias, também com o auxílio da moeda, pagam às empresas os bens e serviços adquiridos, o que configura o **fluxo monetário**.

Percebe-se, dessa forma, que os fluxos real e o monetário interligam os agentes econômicos, as famílias e as empresas. Do lado do fluxo real, estão o emprego dos recursos (fatores de produção) e o suprimento de bens e serviços necessários à economia. Do lado monetário, se dá a remuneração dos fatores de produção e o pagamento dos bens e serviços adquiridos.

Este é, sem dúvida, um modelo muito simplificado, que pretende representar o funcionamento de uma eco-

nomia real. Na verdade, existe um agente econômico poderoso que deve ser incluído nesse nosso modelo simplificado: **o governo**.

A introdução dessa nova personagem não modifica o modelo em essência, pois o governo é um agente econômico como qualquer outro, já que tem uma “renda” (obtida com a cobrança de tributos) e, ao empregar fatores de produção, interage com as unidades familiares, remunerando-as.

Observamos na figura 1 como ficaria, esquematicamente, a interação das famílias (dona dos fatores de produção), empresas (entidades que utilizam fatores de produção para fabricar bens ou prestar serviços) e o governo (que, como qualquer outro agente econômico, usa os fatores de produção para dar à sociedade os bens e serviços necessários).

Dessa interação, surgem dois tipos de agentes econômicos, classificados quanto ao saldo de sua “contacorrente”:

- Agentes econômicos superavitários – aqueles que têm excesso de renda sobre suas despesas, isto é, gastam menos do que ganham e, portanto, podem poupar.
- Agentes econômicos deficitários – aqueles que têm falta de renda para cobrir suas despesas, isto é, gastam mais do que ganham e, portanto, precisam pedir dinheiro emprestado para continuar sobrevivendo.

Em resumo, da interação dos diversos agentes econômicos (famílias, empresas, governos etc.) nas relações de troca, surgem os fluxos real e monetário. Devido ao comportamento assumido por esses agentes, eles podem se tornar agentes superavitários ou deficitários.

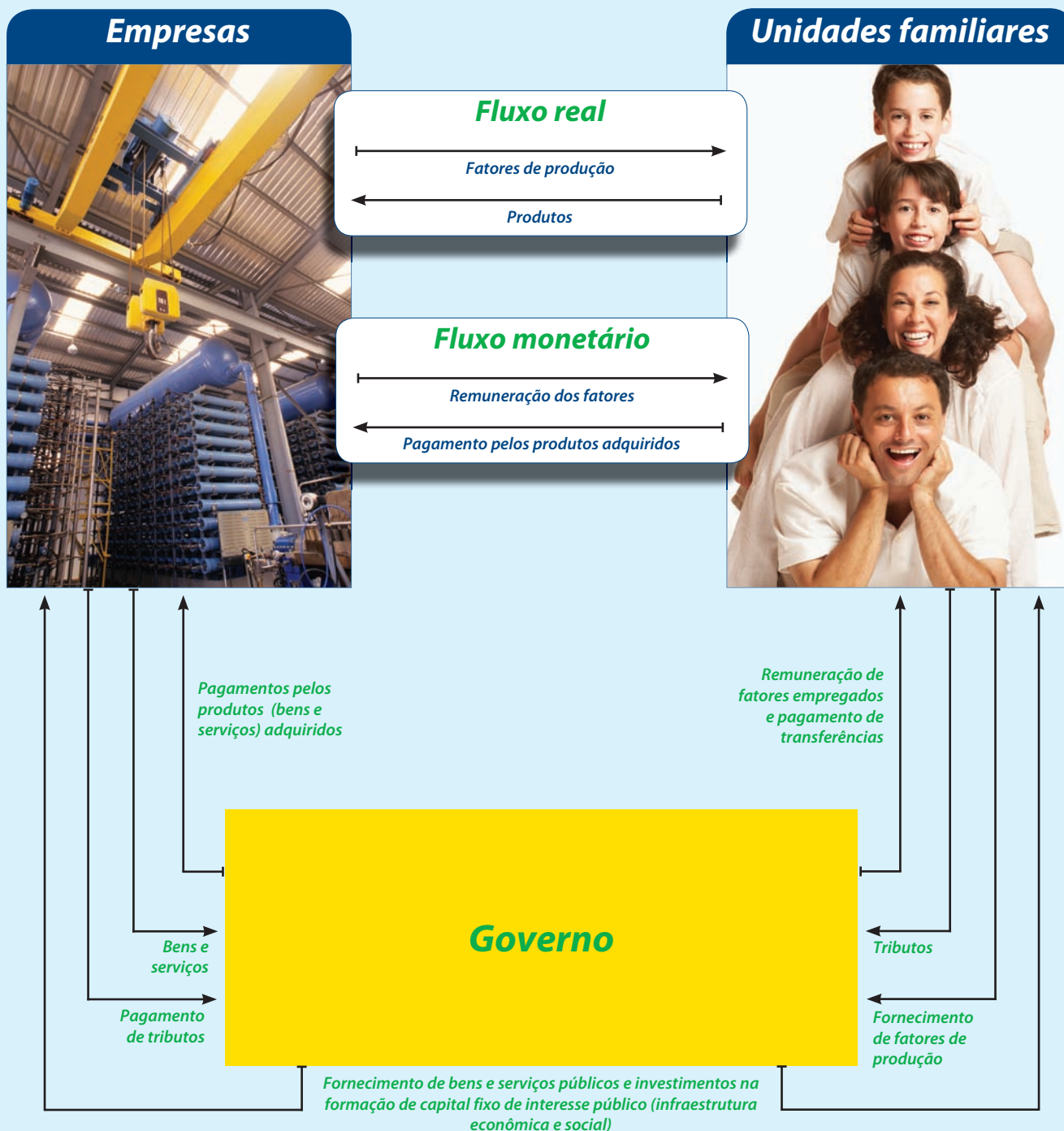


Figura 1 - Fluxo circular simplificado

Fonte: ROSSETTI, José Paschoal. Introdução à economia, pág. 183

O que é **risco**?

Risco é a probabilidade de que algo ocorra, seja esse evento positivo ou negativo. Quando negativo, podemos dizer que risco é a probabilidade de que nosso objetivo não seja atingido. Os riscos dos investimentos podem ser medidos por meio de vários modelos estatísticos de gerenciamento de carteiras de ativos, isto é, o conjunto de ativos (investimentos) que formam todas as suas aplicações (valores mobiliários como ações e debêntures). Essas modelagens estatísticas de avaliação de risco conseguem prever a perda máxima de uma carteira – com 95% de probabilidade de acerto.

De uma forma ou de outra, o risco permeia todas as aplicações financeiras. O importante é sabermos quais são os riscos dos investimentos que queremos fazer. Uma estratégia para diminuirmos o risco é diversificar nossas aplicações.

Noções sobre o

Sistema Financeiro Nacional

Sistema Financeiro Nacional é um conjunto de órgãos que proporcionam o encontro dos agentes econômicos deficitários e dos agentes econômicos superavitários, além de regulamentar os bancos e demais instituições financeiras.

Apenas para dar uma ideia, vamos nomear alguns desses órgãos, apresentando em seguida uma pequena definição de cada um deles:

Comissão de Valores Mobiliários (CVM): autarquia vinculada ao Ministério da Fazenda. Suas atribuições são assegurar o funcionamento eficiente e regular dos mercados, proteger os investidores contra irregularidades, assegurar o acesso do público a informações e regular o mercado de capitais. Principais funções: normativa; fiscalizadora; julgadora; registrária; consultiva ou de orientação; e de fomento.

Conselho Monetário Nacional (CMN): é o órgão deliberativo máximo do Sistema Financeiro Nacional (SFN). Compete ao CMN estabelecer as diretrizes gerais das políticas monetária, cambial e creditícia; regular as condições de constituição, funcionamento e fiscalização das instituições financeiras; e disciplinar os instrumentos de política monetária e cambial.

Banco Central do Brasil (BC): é uma autarquia federal integrante do SFN e exerce a função de secretaria do CMN. Compete ao BC emitir moeda, controlar o crédito, o capital estrangeiro, autorizar as instituições financeiras a funcionar, fiscalizá-las e aplicar penalidades. É também de sua competência a compra e venda de títulos públicos federais, o entendimento, em nome do governo brasileiro, com instituições financeiras internacionais, a emissão de títulos de responsabilidade própria e outras atividades.

Os juros

Várias são as definições de juros que podemos encontrar nos livros. A mais simples delas é “os juros podem ser considerados o preço do dinheiro.”

E isso parece ter lógica! Se a moeda (o dinheiro) é uma mercadoria com certas características especiais, nada mais natural do que ela ter um preço, nesse caso, os juros.

Mas esse preço, como todos os demais, sofre influência de alguns fatores que o alteram: a) o prazo que esse dinheiro fica aplicado; b) o índice de inflação da economia; c) o risco envolvido.

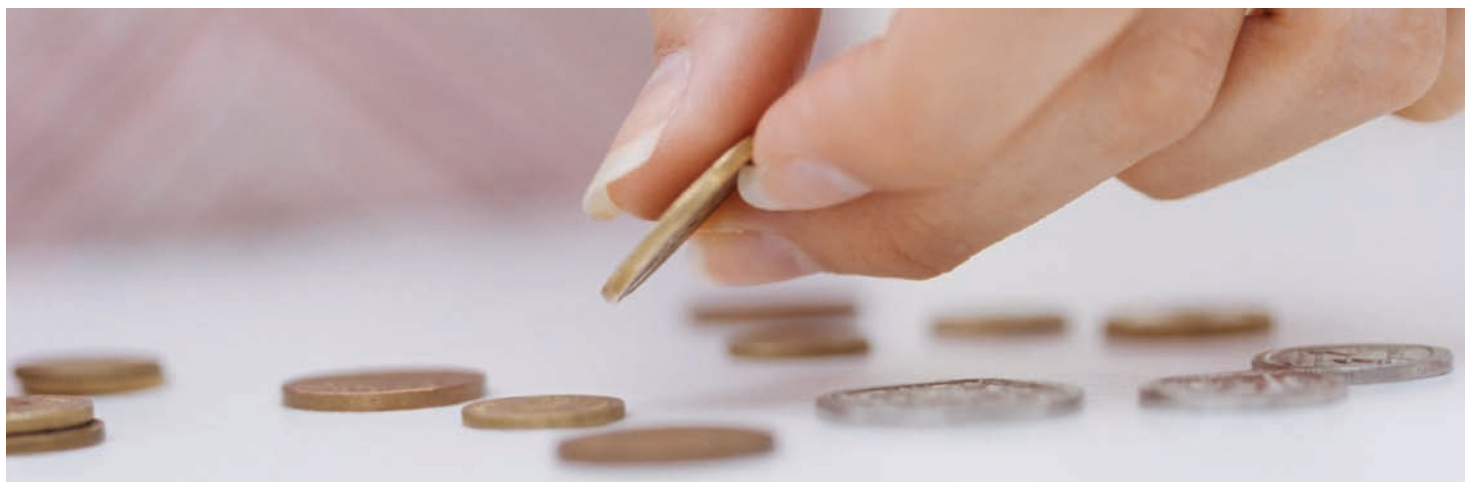
O “preço do dinheiro” é divulgado aos agentes econômicos na forma da **taxa de juros**: é assim no noticiário dos jornais, na TV etc. Nosso comportamento em relação às taxas de juros pagas no mercado é muito interessante: se a taxa de juros de mercado é alta, pode nos impedir de consumir; mas, por outro lado, pode nos incentivar a investir. O inverso também é válido.

O que é a inflação?

Por vários motivos, em determinados momentos, a moeda pode perder seu valor. Isso aconteceu em diversas épocas e em todos os países. Quando dizemos que a moeda perde seu valor, estamos dizendo que, para comprarmos um mesmo produto, vamos necessitar de uma quantidade maior de moeda. Ou seja, estamos falando que os preços dos produtos estão aumentando.

A inflação pode ocorrer por diversas razões, e uma delas é a emissão de moeda de forma descontrolada. O governo, para cobrir seus gastos, emite moeda em quantidade maior do que a necessária.

Inflação **é a perda do poder aquisitivo da moeda**, e isso causa problemas para nós que vivemos com uma renda certa (salário) mensal.



Planejamento financeiro

Hoje, além de as condições de trabalho serem outras, nossa expectativa de vida é maior do que era há dez ou 20 anos, e para vivermos mais tempo com tranquilidade e conforto, vamos necessitar de mais dinheiro.

Para ganhar dinheiro e ter a possibilidade de poupar, é necessário que façamos um planejamento financeiro, que é a chave para acabar com o estresse provocado pela falta de dinheiro.



Administrando o seu dinheiro

Administrar nada mais é do que tomar decisões sobre os mais variados assuntos que interferem em nossas vidas. Administrar nosso dinheiro, portanto, nada mais é do que tomar decisões a respeito do que faremos com ele. Mas, para cuidarmos bem de nosso dinheiro, antes de tudo é preciso que nos organizemos e façamos um planejamento financeiro.

Planejar é decidir antecipadamente. Ou seja, devemos decidir antecipadamente o que faremos com nosso dinheiro. Isso ajuda a eliminar desperdícios ou a prevenir a falta de dinheiro e evita surpresas que podem ser bem desagradáveis.

Na hora de planejar, é preciso verificar nossas reais necessidades. Devemos, portanto, estabelecer nossos

objetivos e persegui-los. É preciso considerar nossa realidade de vida, ter consciência de nossas limitações financeiras e questionar nossas necessidades.

Às vezes, ao tomarmos uma decisão financeira, estamos tomando uma decisão que implica uma mudança de comportamento em relação ao nosso dia a dia. Para poupar, decido diminuir minhas despesas. Quais despesas posso reduzir? Posso reduzir despesas domésticas, como luz, água ou telefone? Posso reduzir despesas de supermercado? Preciso de um carro grande ou posso ter um carro compacto, mais econômico?

É muito importante que nosso estilo de vida esteja de acordo com a nossa realidade econômica.

A sociedade de consumo

Não há nada de errado em consumir. Ao consumirmos, estamos gerando empregos, ajudando a desenvolver a economia. Consumir pode nos dar prazer e, é claro, é necessário na sociedade moderna (lembramos da divisão do trabalho e da especialização na sociedade moderna).

Essa sociedade, porém, fez do consumo um ícone e de várias maneiras cria a ideia de que você é o que você consome: quanto mais consumimos, mais prósperos somos. Isso pode nos levar para o lado do agente econômico deficitário – além de não conseguirmos guardar dinheiro, acabamos por gastar mais do que ganhamos.

Precisamos, então, nos policiar e aprender a esperar a

hora certa para comprar; precisamos aprender a dizer não a vendedores insistentes ou a algum amigo que nos pressiona; precisamos nos cuidar para não nos tornarmos excessivamente ambiciosos.

Também é preciso tomar certos cuidados com as liquidações e promoções, com o uso indiscriminado dos cartões de crédito, com os financiamentos e empréstimos etc.

Como mencionando anteriormente, às vezes devemos deixar de consumir agora para consumirmos numa oportunidade mais favorável. Às vezes, o consumo pode se transformar apenas num gasto desnecessário, que trará mais problemas do que prazer.



As armadilhas

Hoje, temos todas as facilidades para comprar. O crédito é fácil e abundante. Temos o cartão de crédito, o cheque especial e várias outras maneiras de antecipar o consumo.

Devemos lembrar, entretanto, que há um preço a pagar pela antecipação do consumo: o preço do dinheiro que não temos, isto é, os juros do mercado.

Veja o que aconteceria se você tivesse uma dívida de R\$1.000,00 no empréstimo pessoal e não pagasse nada em seis meses. A taxa média de juros cobrada para operações desse tipo está por volta de 3,1% ao mês (a.m.):

PERÍODO	SALDO	JUROS
	1.000,00	-
1º mês	1.000,00	31,00
2º mês	929,94	28,83
3º mês	857,70	26,59
4º mês	783,23	24,28
5º mês	706,45	21,90
6º mês	627,28	19,45

Note que pagar 3,1% a.m. é o mesmo que pagar R\$152,04 de juros em seis meses! Entretanto, se for inevitável comprar a crédito, compare as várias taxas de juros cobradas para cada uma das possibilidades que temos:

Comparação entre taxas de juros

Produto de crédito	Média Mensal	Média Anual
Juros comércio	4,11%	62,15%
Cartão de Crédito	9,37%	192,94%
Cheque especial	7,81%	146,55%
CDC – bancos- financiamento de automóveis	1,61%	21,13%
Empréstimo pessoal-bancos	3,10%	44,25%
Empréstimo pessoal-financeiras	7,03%	125,98%

Fonte: Anefac – Agosto/2013

Como se pode ver, em vez de financiar sua compra em 12 meses, e descobrir que com o dinheiro gasto daria para comprar dois produtos iguais ao que comprou, guarde seu dinheiro (faça uma poupança) e compre a vista: além de tudo, você pode obter um desconto.





Orçamento pessoal e familiar

Há numerosas questões a ser levantadas para que possamos planejar adequadamente nossa vida financeira. Desde o estilo de vida que podemos ter até nossa visão de futuro, passando pela análise dos diversos estabelecimentos comerciais e de serviços que utilizamos.

Para nos auxiliar no correto planejamento financeiro, é necessário registrar nossos gastos e projetar nossas necessidades futuras. Em outras palavras, é necessário que tenhamos um orçamento pessoal/familiar para nos basear.

Essa é uma atitude salutar, pois nos força a verificar no que realmente estamos gastando dinheiro. Devemos, para bem planejar nossa vida financeira, saber quais são nossos gastos reais, quais são nossas despesas, até mesmo aquelas que consideramos pequenas.

Podemos utilizar um modelo de controle de gastos para conhecer o destino dado ao nosso dinheiro:

Dinâmica 1

Você tem alguns minutos para preencher a Planilha de Controle de Gastos.

Observe como está gastando seu dinheiro e compare com o quadro a seguir: é possível fazer com que sobre dinheiro no seu orçamento?

A partir desse levantamento, temos condições de elaborar nosso orçamento pessoal ou familiar e compararmos com o gasto médio de uma família.

Itens	1936/37	1990/91	2002/03	2008/09
Habitação	24,50%	26,70%	35,50%	35,90%
Alimentação	56,20%	30,80%	20,75%	18,80%
Transporte	1,96%	13,00%	18,44%	19,60%
Saúde	2,30%	4,60%	6,49%	7,20%
Educação	0,30%	3,90%	4,08%	3,00%
Outros	14,74%	21,00%	14,74%	14,40%

Fonte: IBGE

Bem, de qualquer forma, o que interessa é fazer com que nosso salário cubra com folga nossas despesas. Esse é o objetivo a perseguir!

Assim, ao fazer do controle de nossos gastos um hábito, teremos organizado nossa vida financeira. E, dessa forma, podemos descobrir que temos mais recursos do que imaginamos.

Mês Janeiro **Valor**

Receitas

Salário	
Aluguel	
Pensão	
Horas extras	
13º salário	
Férias	
Outros	
Total	

Investimentos

Insira aqui o montante mensal que destinará a seus investimentos

Ações	
Fundo Direto	
Renda fixa	
Previdência privada	
Outros	
Total	
% sobre receita	

Despesas

Fixas	Categoria	Despesa
Aquelas que têm o mesmo montante mensalmente	Habitação	Aluguel
		Condomínio
		Prestação da casa
	Transporte	Seguro da casa
		Diarista
		Mensalista
	Saúde	Prestação do carro
		Seguro do carro
	Educação	Estacionamento
		Seguro saúde
Impostos	Plano de saúde	
	Colégio	
Outros	Faculdade	
	Curso	
Total despesas fixas		
% sobre receita		
Variáveis Aquelas que acontecem todos os meses, mas podemos tentar reduzir	Habitação	Luz
		Água
		Telefone
		Telefone Celular
		Gás
	Transporte	Mensalidade TV
		Internet
		Metrô
	Alimentação	Ônibus
		Combustível
		Estacionamento
	Saúde	Supermercado
		Feira
	Cuidados pessoais	Padaria
		Medicamentos
Total despesas variáveis		
% sobre receita		

Extras

São as despesas extraordinárias, para as quais precisamos estar preparados quando acontecerem

Saúde	Médico	
	Dentista	
	Hospital	
Manutenção/prevenção	Carro	
	Casa	
Educação	Material escolar	
	Uniforme	
Total despesas extras		
% sobre receita		
Adicionais	Viagem	
	Letras	Cinema/teatro
		Restaurantes/bares
		Locadora DVD
		Roupas
		Calçados
		Acessórios
Outros	Presentes	
Total despesas adicionais		
% sobre receita		

Saldo

Receita	
Investimentos	
Despesas fixas	
Despesas variáveis	
Despesas extras	
Despesas adicionais	
Saldo	

Como fazer para que sobre dinheiro

Olhando para a Planilha de Controle de Gastos, vamos ver que o primeiro alvo para melhorar nossa posição financeira é cortar de forma radical as despesas que não precisamos fazer todos os meses (Outros Gastos). Ou seja, podemos comprar roupas novas com algum intervalo de tempo; não precisamos ir a restaurantes todos os finais de semana; as viagens podem ser bem planejadas e feitas em épocas apropriadas.

Depois de analisar e cortar os gastos absolutamente desnecessários (lembre-se de que nosso objetivo é fazer sobrar recursos de nosso salário), podemos verificar

com cuidado como estão nossos gastos variáveis. Com certeza, perceberemos que é possível reduzir um pouco cada um deles. Quando nossa vida financeira estiver organizada e tivermos uma boa carteira de investimentos, poderemos recolocar certos gastos em nosso orçamento.

Se tivermos dívidas, precisamos planejar também uma maneira de liquidá-las. Podemos começar a pagar as dívidas mais caras e, para isso, vamos verificar o custo (taxa de juros cobrada) de cada uma delas. Pagamos primeiro as que têm as maiores taxas de juros.

O que fazer com o dinheiro que sobra

Depois de todo o esforço feito para equilibrar nosso orçamento, precisamos saber o que fazer com o dinheiro que sobra. Fazer com que ele se multiplique.



Aposentadoria

Em algum momento de nossas vidas, devemos começar a nos preocupar com a aposentadoria. Para termos uma boa aposentadoria, é necessário conhecer nosso estilo de vida atual (lembre-se da Planilha de Controle de Gastos) e planejar o estilo de vida que gostaríamos de ter quando nos aposentarmos.

Tendo preenchido a Planilha de Controle de Gastos, devemos verificar com cuidado quais são os itens que, mais tarde, deixarão de constar em nosso orçamento. Depois, vamos verificar quais serão aqueles que deverão fazer parte de nosso orçamento. Uma coisa, entretanto, é certa: seja qual for nosso ideal para a vida de aposentado, quanto mais cedo começarmos a guardar dinheiro, melhor.

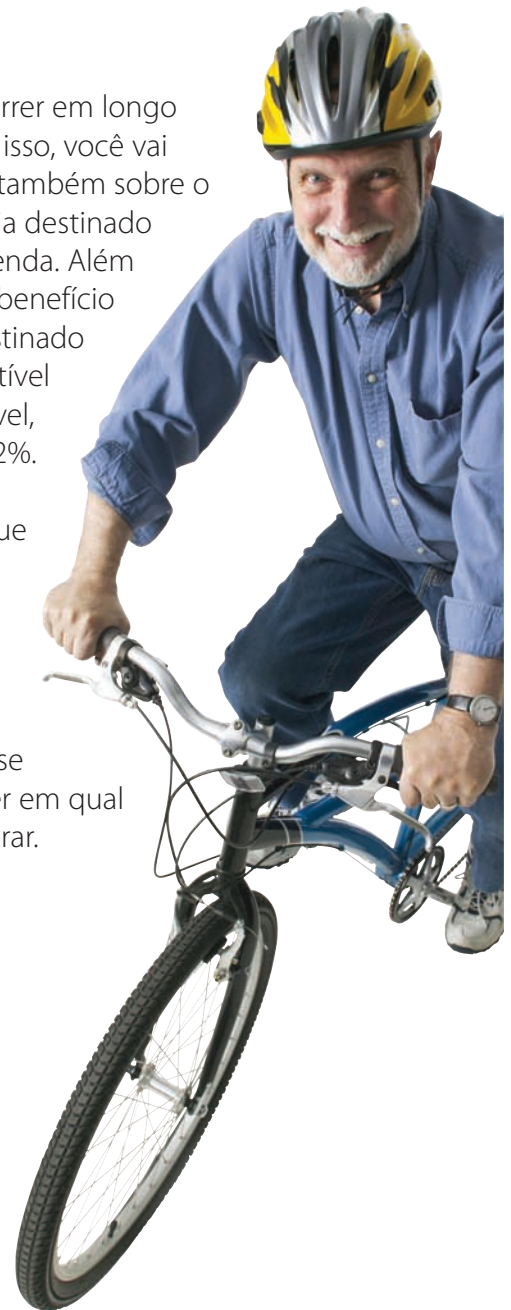
Tendo mais tempo para juntar dinheiro, podemos investi-lo em segmentos de maior risco, que têm taxas de juros (rendimentos) mais atraentes.

O Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), aquele dinheiro que acumulamos durante nossa vida de trabalho, pode servir como complementação de renda na hora em que nos aposentarmos.

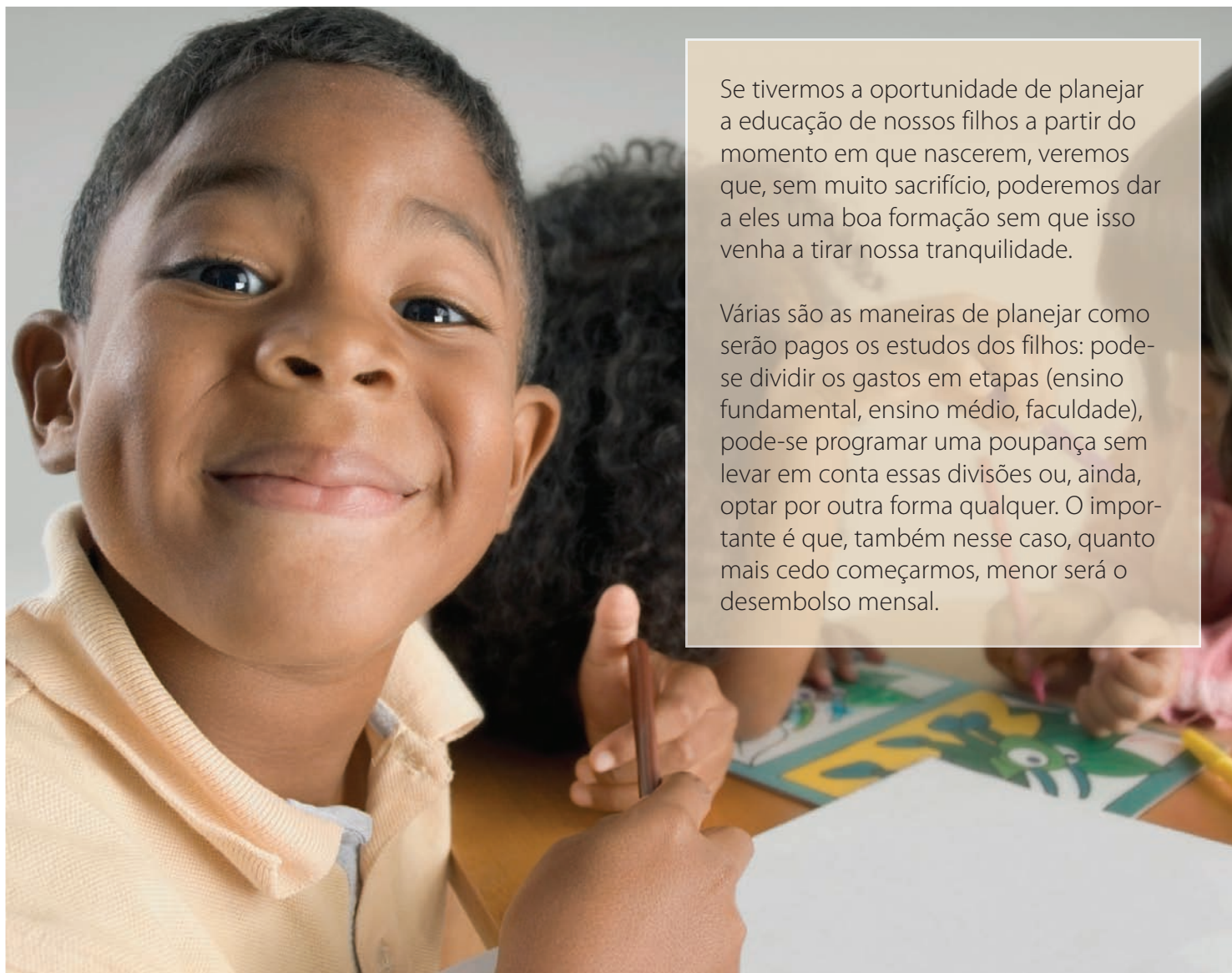
Para se fazer uma poupança visando a aposentadoria, podemos lançar mão de outras opções. O Plano Gerador de Benefício Livre (PGBL) e o Vida Gerador de Benefício Livre (VGBL) são planos de previdência privada que têm as características ideais nesse caso. Com o PGBL, por exemplo, você pode adiar o pagamento do imposto de renda até o momento do res-

gate, que irá ocorrer em longo prazo. Enquanto isso, você vai ganhando juros também sobre o dinheiro que seria destinado ao imposto de renda. Além disso, existe um benefício fiscal: o valor destinado ao plano é dedutível da renda tributável, limitando-se a 12%.

As instituições que vendem esses planos cobram taxas de carregamento e de administração. Portanto, pesquise antes de escolher em qual instituição comprar.




Planejando a educação dos filhos



Se tivermos a oportunidade de planejar a educação de nossos filhos a partir do momento em que nascerem, veremos que, sem muito sacrifício, poderemos dar a eles uma boa formação sem que isso venha a tirar nossa tranquilidade.

Várias são as maneiras de planejar como serão pagos os estudos dos filhos: pode-se dividir os gastos em etapas (ensino fundamental, ensino médio, faculdade), pode-se programar uma poupança sem levar em conta essas divisões ou, ainda, optar por outra forma qualquer. O importante é que, também nesse caso, quanto mais cedo começarmos, menor será o desembolso mensal.

Investindo no mercado financeiro



Lembra-se dos agentes superavitários e dos agentes deficitários, aqueles que têm dinheiro sobrando e aqueles que necessitam de dinheiro? Pois bem, tais agentes podem ser pessoas, empresas ou o próprio governo. É o mercado financeiro que possibilita o encontro dos agentes superavitários e deficitários.

Na prática, é o mercado financeiro que interliga empresas, pessoas e governo para que cada um desses agentes possa suprir suas diferentes necessidades: quem tem excesso de dinheiro (agente superavitário) empresta aos que têm falta de dinheiro (agentes deficitários) por meio do mercado financeiro.

O mercado financeiro pode ser dividido em duas partes: o mercado de crédito e o mercado de capitais. O que nos interessa mais de perto é o mercado de capitais, pois é aqui que encontramos o mercado de ações (renda variável) e o mercado de dívidas (renda fixa), nos quais podemos fazer nossa poupança.



o investidor

Diz a teoria de finanças que quanto maior o risco, maior deve ser o potencial de retorno de suas aplicações. Ao se considerar essa tese, verificamos que o investidor, de forma geral, encaixa-se em um dos três perfis abaixo, quando pensamos em sua capacidade de assumir riscos:

- **Conservador** – não pode ou não deseja correr riscos. Seu objetivo com o investimento é proteger seu patrimônio.
- **Moderado** – admite correr riscos, desde que não sejam tão elevados, em troca da chance de obter maior rentabilidade para seu dinheiro. Seu principal objetivo ainda é proteger o patrimônio.
- **Agressivo** (arrojado) – seu principal objetivo é aumentar o rendimento sobre o patrimônio. Por isso, não se intimida em aplicar grande parte de suas economias em mercados mais arriscados.

Ser conservador, moderado ou agressivo em seus investimentos dependerá da expectativa de quando atingir seus objetivos e resgatar suas aplicações. Quanto maior o prazo, mais tempo temos para administrar nossos investimentos, portanto, podemos ser mais arrojados em nossas aplicações. Agora, se sua expectativa é utilizar suas economias dentro de um prazo curto, cinco anos, por exemplo, ser conservador em seus investimentos é a melhor alternativa para minimizar os riscos.

Após descobrir qual nosso perfil de risco, devemos considerar três aspectos ao investir:

a) o primeiro deles é a **LIQUIDEZ**. Liquidez é o grau de facilidade com que podemos converter o ativo (bem, investimento) em dinheiro: quanto mais fácil e rápido pudermos converter um ativo em dinheiro, maior será sua liquidez. Em certos casos, precisamos de liquidez em nossos investimentos. Por exemplo, se guardamos dinheiro



esperando uma boa oportunidade de negócio, devemos investir em ativos com alta liquidez pois, aparecendo o negócio aguardado, não teremos muito tempo para realizá-lo; se estamos guardando dinheiro para possíveis emergências, também devemos privilegiar a liquidez;

b) outro aspecto a ser considerado é a **SEGURANÇA**. Segurança diz respeito ao risco percebido pelo investidor. Como já dissemos, investir significa assumir riscos para obter os retornos desejados. De acordo com nosso perfil, podemos estabelecer o grau de risco que estamos dispostos a assumir em função dos retornos esperados. Se não estamos dispostos a assumir riscos, vamos investir em aplicações conservadoras; se somos mais arrojados, se estamos dispostos a assumir riscos maiores, vamos investir em aplicações agressivas;

c) o último aspecto é a **RENTABILIDADE**. Rentabilidade é o retorno que esperamos obter com o investimento efetuado.

Devemos ter em mente que os três aspectos nunca se encontram no mesmo tipo de investimento: não podemos ter um investimento líquido, seguro e rentável ao mesmo tempo. O mais comum é encontrarmos tais aspectos em grupos de dois, isto é, num determinado investimento teremos liquidez e segurança, mas com baixa rentabilidade; noutra, teremos liquidez e rentabilidade mas, para isso, assumiremos riscos maiores (menor segurança); e finalmente noutra, teremos segurança e boa rentabilidade sem, contudo, termos liquidez.

Os vários tipos de poupança

Quando se fala em “poupança”, logo nos vem à mente a imagem da caderneta de poupança, que talvez seja a forma mais comum de se guardar dinheiro, mas essa não é a única. Existem numerosas maneiras de guardar nosso dinheiro, de protegê-lo contra a corrosão inflacionária e, ainda, ganhar juros pelas aplicações que fizermos.

No mercado, quando estamos guardando dinheiro, dizemos que estamos fazendo um investimento. Antes de examinar algumas formas de **investimento**, vamos analisar o que é e por que investir.

Planejar o futuro

Por que investir? A resposta a essa pergunta é muito simples: para podermos comprar uma casa, ou para trocarmos de carro, fazer uma viagem, pagar uma boa faculdade para nossos filhos, manter nosso padrão e qualidade de vida após nossa aposentadoria etc. O que nos importa saber é que investir significa, de maneira simples, adiar nosso consumo hoje para planejar gastos futuros.



Dinâmica 2

Descubra qual é o seu perfil de risco

A maneira mais adequada de identificar as melhores alternativas de investimento para você é conhecer seu perfil em relação ao risco. Respondendo ao teste abaixo, você poderá descobrir se é conservador, moderado ou agressivo em relação às formas de investimento.

1 - Qual é sua faixa etária?

- a) Menos de 30 anos
- b) Entre 31 e 40 anos
- c) Entre 41 e 50 anos
- d) Acima de 51 anos

2 - Quantas pessoas dependem economicamente de você?

- a) Nenhuma
- b) 1 ou 2
- c) 3 ou 4
- d) 5 ou 6
- e) Acima de 6

3 - Ao investir no mercado financeiro, você pretende:

- a) Preservar seu capital (protegê-lo da inflação)
- b) Obter um crescimento moderado de seu capital
- c) Buscar um crescimento rápido e/ou significativo de seu capital (muito acima da poupança/inflação)

4 - Em relação a suas aplicações no mercado financeiro hoje:

- a) Seus investimentos sempre ficaram restritos ao mercado de renda fixa
- b) Você já investiu em outros mercados (ações/fundos de ações, derivativos, mercado futuro, opções)
- c) Você tem investido regularmente em outros mercados (ações/fundos de ações, derivativos, mercado futuro, opções)

5 - Investindo hoje, você pretende iniciar os resgates de suas aplicações:

- a) Em menos de 1 ano
- b) Entre 1 e 2 anos
- c) Em mais de 2 anos

6 - Como você reage a flutuações em seus investimentos?

- a) Sua renda é fundamental para o seu dia a dia. Precisa de investimentos que tenham rentabilidade previsível
- b) O dia a dia do mercado financeiro o deixa desconfortável.

Quer ter investimentos que eventualmente rendam pouco, mas de forma consistente

- c) Suporta algumas flutuações, mas não pode perder capital
- d) Tem preocupações de ganho real a longo prazo e acredita que oscilações maiores podem ocorrer no curto prazo. Sabe que perdas no curto prazo fazem parte do negócio
- e) Grandes oscilações no curto prazo não o preocupam. Pode até perder dinheiro no mercado, mas sempre dentro de uma estratégia de investimento na qual acredita

7 - Quando contrata um seguro para seu carro, você:

- a) Opta pela menor franquia, garantindo a máxima cobertura possível, mesmo que o prêmio seja maior
- b) Opta por uma franquia intermediária, de forma a reduzir o custo do prêmio
- c) Escolhe uma apólice com franquia elevada para pagar um prêmio menor, mesmo que tenha que arcar com parte dos custos em caso de alguns sinistros
- d) Não faz seguro de automóvel, pois não acha necessário
- e) Não tem automóvel

Pontuação

35 - 90 = Perfil Conservador: Você quer proteger suas economias, mas não se sente confortável para assumir riscos. Prefere aplicações que tenham um rendimento baixo, mas que não deixem seu coração aos pulos em momentos de crise.

95 - 115 = Perfil Moderado: Além de proteger seu dinheiro da inflação, você quer que suas aplicações financeiras o ajudem a aumentar seu patrimônio. Para isso, está disposto a correr riscos, mas sem exageros.

120 - 175 = Perfil Agressivo: Você está disposto a assumir riscos, pois quer aumentar bastante seu patrimônio com as aplicações financeiras que realiza. Sua situação financeira atual lhe permite arriscar mais, e você consegue encarar com frieza os momentos de crise financeira.

Alternativa	a	b	c	d	e	Pontos
Questão 1	20	15	10	5	-	
Questão 2	20	15	10	5	0	
Questão 3	10	20	30	-	-	
Questão 4	5	10	15	-	-	
Questão 5	10	20	30	-	-	
Questão 6	0	10	20	30	40	
Questão 7	5	10	15	20	0	

Fonte: LUQUET, Mara. Guia Valor Econômico de finanças pessoais, págs. 28-29

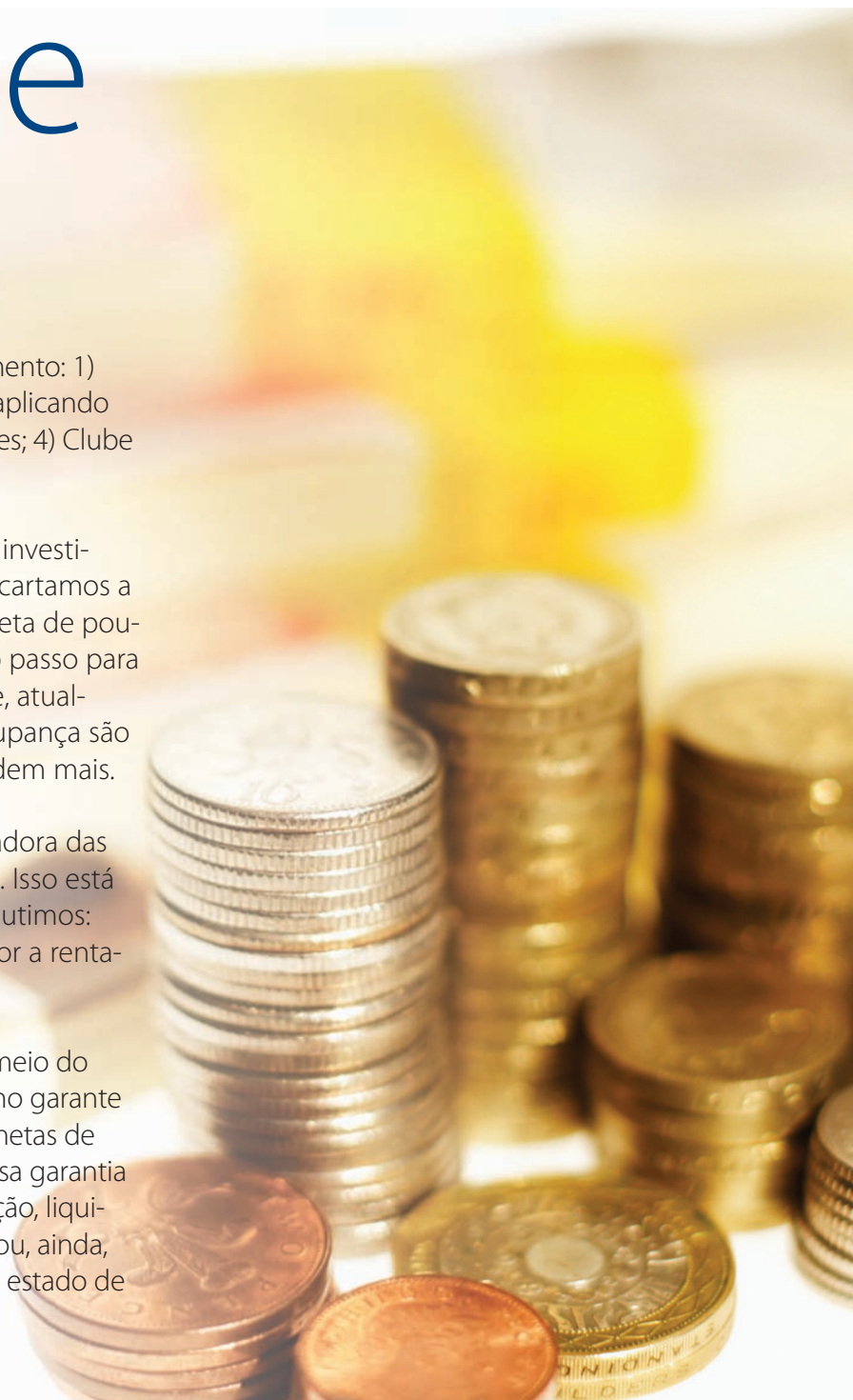
No que posso investir?

Vamos examinar algumas opções de investimento: 1) podemos investir comprando um imóvel; 2) aplicando em títulos de renda fixa; 3) aplicando em ações; 4) Clube de Investimento ou fundos de investimento.

Como já dissemos, a forma mais comum de investimento é a caderneta de poupança. Não descartamos a possibilidade de fazer aplicações em caderneta de poupança, pois devemos admitir que o primeiro passo para investir é poupar, mas devemos lembrar que, atualmente, os rendimentos da caderneta de poupança são pequenos e existem outras opções que rendem mais.

A caderneta de poupança é a mais conservadora das aplicações existentes no mercado financeiro. Isso está de acordo com aqueles aspectos que já discutimos: quanto maior a segurança e a liquidez, menor a rentabilidade auferida pelo investidor.

Mas cuidado! Essa segurança é limitada. Por meio do Fundo Garantidor de Créditos (FGC), o governo garante a liquidez dos depósitos efetuados em cadernetas de poupança **até o valor de R\$250.000,00**. Essa garantia se dá na hipótese de decretação de intervenção, liquidação extrajudicial ou falência de instituição ou, ainda, na hipótese de o Banco Central reconhecer o estado de insolvência da instituição.



Comprando um imóvel

A casa própria faz parte da nossa cultura. É sinônimo de segurança, de investimento seguro e, por isso, um objetivo a ser perseguido.

A partir do Plano Real, a situação se alterou: as taxas de juros se elevaram sobremaneira, fazendo com que o rendimento real médio anualizado dos imóveis ficasse abaixo de alguns investimentos financeiros. Existem, porém, pelo menos duas formas de se analisar a compra de um imóvel como investimento:

- a) Comprando o primeiro imóvel – se este é o caso, vamos encarar o investimento de forma diferente de um investimento financeiro. Sim, pois ao destinar recursos para o pagamento da prestação de um financiamento imobiliário, estou investindo em algo que fará parte do meu patrimônio e que, ao longo do tempo, me proporcionará uma rentabilidade por meio da sua valorização. Estarei, dessa forma, trocando a alocação dos recursos do aluguel para a compra do imóvel e, mesmo que a parcela do financiamento seja maior que o montante destinado ao aluguel, ainda assim posso considerá-la como uma poupança;
- b) Investindo em imóveis – ao considerarmos a possibilidade de comprar imóveis como investimento, devemos lembrar que a rentabilidade, nesse caso, é dada pelo valor do aluguel recebido (+) a valoriza-



ção do preço do imóvel (-) a depreciação (-) despesas com manutenção.

O que deve ficar claro é que, além da baixa liquidez, existem riscos nesse tipo de investimento também.

Além da depreciação natural pelo uso do bem, existe a depreciação pelas tendências e modismos: um apartamento de luxo, na década de 70, tinha quatro dormitórios, sendo uma suíte, dois banheiros e apenas uma garagem. Para o mesmo perfil de consumidor, atualmente, um apartamento deve ter quatro suítes, quatro garagens, lavabo, playground, salão de festas, piscina, sala de ginástica, segurança etc. (HALFELD, 2004:29).

As leis que protegem o inquilino podem ser consideradas outro risco para o proprietário do imóvel. Esse tipo de intervenção do governo, contudo, diminuiu na década de 90, equilibrando a situação entre inquilino e proprietário.

Existem ainda, vários outros fatores que devem ser ponderados na hora da compra: os juros dos financiamentos, as reformas no imóvel, as despesas para se adquirir um imóvel novo, a localização do imóvel etc.

Aplicando em

títulos de renda fixa

Títulos de renda fixa são papéis representativos de uma dívida. Isto é, são títulos emitidos por empresas ou pelo governo, os quais pagam juros por eles. Quando compramos um título de renda fixa, nos tornamos credores do emissor.

De forma simplificada, ao comprar um título de renda fixa é como se fizéssemos um contrato emprestando dinheiro às empresas ou ao governo que, por sua vez, se comprometem a pagar juros fixos em intervalos regulares.

Dois exemplos de títulos de renda fixa são as debêntures, que representam dívidas de uma empresa, e o Certificado de Depósito Bancário (CDB), um título emitido por bancos que paga juros prefixados ou pós-fixados.

Mas atenção! Devemos ter cuidado com os CDBs que estiverem pagando taxas muito maiores que as do mercado. Um banco que esteja pagando taxas muito altas pode estar com dificuldades para captar recursos no mercado, o que pode ser um indicativo de problemas com sua saúde financeira.

Os títulos públicos são títulos de renda fixa que pagam juros. Títulos públicos são papéis emitidos pelos governos (federal, estadual e municipal) e representam sua dívida. Atualmente, de maneira geral, os títulos públicos mais negociados são os títulos públicos federais. É possível investir neles diretamente, via internet, por meio do Tesouro Direto.

A importância do

mercado de ações

para a economia

Como já foi visto, o sistema financeiro possibilita o encontro dos agentes econômicos superavitários e deficitários. Aqueles que têm excesso de recursos financeiros (poupadores) os colocam à disposição, via mercado financeiro, daqueles que necessitam desses recursos.

As empresas podem captar recursos no mercado financeiro por meio da emissão de valores mobiliários, isto é, ações e debêntures de forma direta, ou indiretamente por meio dos fundos de investimento, dentre outros.

Quando uma empresa deseja expandir seus negócios ou modernizá-los, necessita de recursos adicionais e pode, então, emitir ações, vendendo-as diretamente aos investidores – esta é uma oferta de ações feita no mercado primário.

Você pode ser um dos novos sócios dessas empresas

Quando os investidores negociam ações na Bolsa, diz-se que estão recorrendo ao mercado secundário. Essas negociações só podem ser feitas pelas corretoras de valores.

O mercado de ações contribui para o desenvolvimento econômico, estimulando a formação de poupança privada, na medida em que permite a captação de recursos financeiros para investimentos que geram emprego e renda.

Quem compra uma ação se torna sócio da empresa. Podemos encontrar ações de lojas nas quais compramos, de bancos nos quais temos conta, de fabricantes dos mais variados artigos que usamos.

Investindo em ações

Ação é um título patrimonial representativo da menor parcela do capital de uma empresa juridicamente constituída como uma sociedade por ações. Quando essa empresa tem lucros, ela pode reservar parte deles para distribuir aos seus acionistas: essa parcela do lucro distribuída chama-se **dividendo**.

As ações podem ser ON (ações ordinárias nominativas), que dão direito a voto nas assembleias de acionistas da empresa, ou podem ser PN (ações preferenciais nominativas), que dão preferência a seu proprietário no recebimento de dividendos e não têm direito a voto.

Para aplicar em ações, isto é, para negociar ações, precisamos de uma **corretora de valores** ou de uma **distribuidora de valores**.

A corretora de valores é uma instituição financeira autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil e é fiscalizada por ele e pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM). As corretoras fazem a intermediação entre os compradores e vendedores de ações na Bolsa. Elas podem operar no pregão eletrônico da Bolsa, efetuar lançamentos públicos de ações, administrar carteiras ou custodiar valores mobiliários, orga-

nizar e administrar clubes e fundos de investimento, dentre outras atividades e mercados.

A Bolsa é o local que oferece condições e sistemas necessários para a realização da negociação de compra e venda de títulos e valores mobiliários, de forma transparente. Além disso, possui atividade de autorregulação, que visa preservar elevados padrões éticos de negociação e divulgar as operações executadas com rapidez, amplitude e detalhes.

A Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros (BM&FBOVESPA) centraliza as negociações com ações e títulos de renda fixa. No mercado de derivativos, realiza a negociação de contratos baseados em ativos financeiros, índices, taxas, mercadorias e moedas, nas modalidades a vista e/ou de vencimento em data futura.

Todas as informações de que precisamos para aplicar em ações estão disponíveis no site **www.bmfbovespa.com.br**. Podemos consultar dados relativos ao mercado acionário, cotações on-line das ações negociadas, a relação completa das corretoras e informações sobre as empresas listadas.

Como investir em ações

Existem três formas de participar desse mercado.

1. Os **Clubes de Investimento** são uma forma de investimento coletivo que congrega pessoas de seu relacionamento. É um clube mesmo. Você pode chamar seus amigos, familiares, colegas de trabalho e investir em ações.

Para formar um clube, é preciso cadastrá-lo em uma corretora de valores, que atuará como administradora e cuidará de todos os documentos e registros necessários, orientará na elaboração do estatuto social (documento de criação do clube) e poderá fazer a gestão da composição da carteira de ações do clube.

O Clube de Investimento deve ter no mínimo três e no máximo 150 pessoas; um cotista será o representante dos investidores, que, em conjunto com a corretora escolhida e após os registros legais, decidirá sobre a gestão do clube.

Todo Clube de Investimento deve ter no mínimo 51% do dinheiro aplicado em ações. Os 49% restantes poderão ser investidos, por exemplo, em renda fixa.

2. Os **fundos de investimento** são produtos de instituições financeiras, também constituídos como investimento coletivo. Ao aplicarmos num fundo de investimento, estamos comprando cotas (parcelas desse fundo) e nos tornando cotistas.

Os fundos são regulamentados e fiscalizados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), e podem ser compostos por papéis de renda variável (ações) ou de renda fixa (debêntures, notas promissórias, CDB, dentre outros).

Para escolher o fundo em que aplicaremos, devemos analisar o regulamento, a política de investimentos, quem são o administrador e o gestor, como é sua performance e quais são as taxas de administração.

Clubes e fundos podem ser uma boa opção de investimento para aqueles que não têm tempo de acompanhar o mercado e seus vários detalhes. Mas devemos estar sempre atentos aos custos envolvidos na aplicação. O principal deles é a taxa de administração.

3. Há também a possibilidade de fazer nossos investimentos individualmente, que é quando adquirimos as ações diretamente, sempre utilizando as corretoras como intermediárias.

Taxa de administração é uma despesa que o clube ou o fundo tem com o administrador. Além da taxa de administração, outros custos podem ser cobrados: taxas de performance, despesas legais, taxas de gestão de carteira etc. É importante estar atento às taxas e valores cobrados, que podem diferir entre os administradores e gestores.



Passo a passo

Agora podemos investir! Vamos, então, definir quanto de nossa carteira de investimento será direcionado ao mercado acionário.

Decida como fará para investir: participará de um Clube de Investimento? Aplicará num fundo de investimento ou participará do mercado individualmente?

1 - Clube de Investimento

Se você optar pela criação de um Clube de Investimento, deverá, antes de tudo, procurar uma corretora de valores, pois ela é quem vai ajudá-lo e orientá-lo quanto à documentação necessária para criá-lo, bem como na composição da carteira de ações. Lembre-se de que para formar um clube é necessário o mínimo de três pessoas, os cotistas, que juntos definirão o estatuto que regerá as atividades do clube. Depois de registrado, o clube poderá iniciar suas aplicações por meio da corretora de valores escolhida para sua administração, em conjunto com o representante dos investidores.

2 - Fundo de investimento

Se optar por investir por meio de um fundo, cuide para escolher o melhor: procure conhecer o que puder sobre os administradores do fundo e sua política de investimento. Nesse caso, a carteira será definida pelo gestor do fundo escolhido.

3 - Investimento individual

Se quiser investir individualmente, procure uma corretora de valores credenciada pela BM&FBOVESPA; faça seu cadastro e converse com sua corretora, que lhe indicará as melhores oportunidades de investimento. Depois de se decidir, envie sua ordem de compra ou venda por telefone ou internet (Home Broker).

Importante:

A melhor forma de ter tranquilidade em relação aos seus investimentos é diversificar a carteira, escolhendo aplicações de características diferentes, compostas por renda fixa, renda variável e imóveis, por exemplo.

Bibliografia

- ASSAF Neto, Alexandre. *Matemática financeira e suas aplicações*. Editora Atlas.
- BRASIL, Banco Central do. *Banco Central, fique por dentro*. www.bcb.gov.br
- FORTUNA, Eduardo. *Mercado financeiro*. Editora Qualitymark.
- GRANDILONE, Cláudio. *Investindo sem susto*. Editora Campus/Elsevier.
- HALFELD, Mauro. *Investimentos*. Editora Fundamento.
- LUQUET, Mara. *Guia Valor Econômico de finanças pessoais*. Editora Globo.
- RANGEL, Armênio de Souza e outros. *Matemática dos mercados financeiros*. Editora Atlas.
- ROSSETTI, José Paschoal. *Introdução à economia*. Editora Atlas.
- SOHSTEN, Carlos Von. *Como cuidar bem de seu dinheiro*. Editora Qualitymark.

O mercado de ações e valores mobiliários em geral, assim como os mercados futuros e de opções, não oferecem ao investidor rentabilidade garantida. Por não oferecer garantia de retorno, devem ser considerados investimentos de risco.

Outubro de 2013.

*Praça Antonio Prado, 48
01010-901 São Paulo, SP
+11-3119-2000
Fax +11-3107-9911
bmf@bmf.com.br*

*Rua XV de Novembro, 275
01013-001 São Paulo, SP
+11-3233-2000
Fax +11-3242-3550
bovespa@bovespa.com.br*

www.bmfbovespa.com.br

INSTITUTO EDUCACIONAL

BM&FBOVESPA

A Nova Bolsa



BM&FBOVESPA

A Nova Bolsa

